

Curso de Pedagogia da FAGED/UFC: do sonho à materialidade de referenciais humanizadores

Maria Margarete Sampaio de Carvalho Braga

Do lugar de onde falo

Meu pai, sentado na calçada de casa, "ad-mirando" as crianças voltarem da escola, com os cadernos e livros debaixo do braço, é uma cena das mais bonitas que guardo na mente e no coração. Era a coerência de um homem, que frequentara a escola apenas quinze noites, se fazendo boniteza, pois era ele que nos dizia todos os dias: "A maior herança que um pai pode deixar para os seus filhos é o estudo". Nossa chegada da escola era calorosamente anunciada quando ele se encontrava em casa. Dizia o Seu Cazuzá, com forte vibração no tom de voz: "Lá vem os doutorzinhos do papai!"

Minha mãe dizia, calma e solenemente, a cada um de seus sete filhos e quatro filhas quase todos os dias: "Estudem! Estudem que é pra conseguirem um bom emprego e comprarem tudo o que desejarem". Quando pequenos, não compreendíamos bem o significado dessas palavras, mas elas ressoavam, dentro de nós, como alento para a nossa esperança de mudarmos a realidade em que vivíamos. E, de fato, quando algum de nós passava no vestibular, a alegria

fazia morada em nossa casa. Oito de nós chegaram a se formar, dentre os quais seis em universidades públicas.

E assim, a partir do movimento de busca de meus pais e irmãos/ãs maiores por uma condição de vida mais digna e humana, pela via da educabilidade, fui aprendendo a valorizar o estudo, a sonhar com uma formatura, ao ponto de considerar o fato de ver meu nome figurando na lista dos aprovados no vestibular nos jornais da cidade de Fortaleza-CE, no dia 26 de janeiro de 1980, como uma das mais autênticas alegrias já vivenciadas em meu percurso de vida.

A prática pedagógica docente-discente vivenciada no Curso de Pedagogia da FACED/UFC nos anos 1980

Quando adentrei o *Campus* do Benfica há exatos 30 anos de conclusão do Curso de Pedagogia, não tinha suspeições das lutas que iria enfrentar. Dentre elas, a mais difícil: a luta para que a escola se constitua num espaço/tempo de garantia do direito à Educação sem condicionamento a processos, práticas e rituais excludentes (ARROYO, 2009).

Identifico o fato de que, ao longo da minha formação inicial, foi sendo constituída a preparação para o mundo do trabalho, para a convivência social e para a arte de viver humanamente. A valorização da escola pública foi se sedimentando na minha existência, desde as relações dialéticas e dialógicas estabelecidas com professores/as, funcionários/as, coordenadores/as, bibliotecária, profissionais da cantina e colegas de turma, na relação com situações postas na nossa Cidade, no nosso País e no Mundo.

Pelo fato de reconhecer, à luz de Charlot (2000, p.72), que toda relação com o saber assume uma dimensão de identidade, ou seja, que "... aprender faz sentido com referência à história do sujeito, às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, às

suas relações com os outros, à imagem que tem de si e à que quer dar de si aos outros", recorro a algumas imagens dos anos vividos na rua Waldery Uchoa Nº 01, Benfica.

Eternizaram-se em minha mente aqueles professores que nos davam incentivos, apontavam possibilidades de superação das nossas limitações, ajuntavam o valor cognitivo e afetivo nas relações estabelecidas conosco, com base em seus saberes, seu profissionalismo, seu estatuto institucional, como pessoas engajadas na vida social e política da Universidade.

É muito viva, por exemplo, a lembrança da professora Maria José de Oliveira, que, em caráter ilustrativo, para entendermos que a aprendizagem não se efetiva por memorização mecânica, encenando uma pessoa estudando Ciências, andando de um lado para o outro, olhos pregados numa frase do livro, lendo-a e relendo-a: "O coração é um minúsculo moco", em vez de "O coração é um músculo oco".

Iniciativas ousadas de investimento em pesquisa se deu com a Dra. Zélia Sá Viana Camurça, no terceiro semestre do Curso. Sua aposta em nossa capacidade de análise fez com que lêssemos, na íntegra, o livro *Sociedade sem Escolas*, de Ivan Illich. De igual modo, sob a orientação da professora Carmem Capelo Feijó, analisamos o livro *Currículos e Programas*, de Ralph Tyler, no decorrer de um dos últimos semestres.

Recém-chegada do seu curso de mestrado, a Professora Maria Lúcia Lopes Dallago, entre inúmeros ensinamentos, nos fez ver que, ao observarmos uma casa impecavelmente arrumada, deveremos desconfiar de que, se ali vive alguma criança, possivelmente se trata de uma criança tolhida em seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor pela via da ludicidade. Com ela, participamos de um projeto de pesquisa na Favela do Papoco, iniciativa ousada para o período, num contexto em que a validade das pesquisas qualitativas ainda era questionada.

Atendendo a um convite da Professora Lindyr, a professora Terezi-
nha de Jesus Pinheiro Maciel, ao chegar do mestrado, nos prestigiou
com a demonstração e uso de novas tecnologias, fazendo relatos
da sua experiência realizada no Primeiro Mundo. O uso de *slides* era
tecnologia novíssima para aquele período. Posteriormente, tive o
privilegio de vivenciar a monitoria da disciplina Didática, ministrada,
também, em outras licenciaturas por ela, pela carismática e dinâmi-
ca Professora Estrela Araújo Fernandes e pela efervescente Profes-
sora Júlia Figueiredo Rocha. Atribuo ao exercício da monitoria uma
contribuição decisiva para densificar a minha formação acadêmica.

As duas professoras, carinhosamente chamadas por nós de "Lur-
dinhas", professoras Lourdes Ferreira Lima e Maria de Lourdes Peixoto
Brandão, marcaram significativamente no decorrer da regência das
disciplinas de metodologias de ensino e estágio supervisionado. As
ações e relações vividas nas salas de aula da educação básica pas-
saram a ser analisadas por nós com escuta mais sensível e acurada
orientação teórico-metodológica.

Nosso preceptor, no movimento estudantil, foi o Gustavo Mou-
ra, na ocasião, membro do Diretório Central dos Estudantes (DCE),
fato que se deu a partir do momento de adesão à primeira greve
deflagrada pelos estudantes da Universidade de Fortaleza (UNIFOR),
sob os acordes de *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo
Vandré.

Nesse contexto, estivemos presentes durante a invasão feita à
Reitoria, em virtude do desmerecimento à eleição de nossa queri-
da coordenadora, Maria Estrela Araújo Fernandes, um referencial de
educadora humana, competente e comprometida com tudo o que
faz. Onde quer que venha se dando a sua atuação profissional, a
Professora Estrela testemunha o sabor do saber e corporifica as pala-
vras pelo exemplo, como nos ensina Paulo Freire (1996).

Naquele momento, eu começava a articular conceitos com a
perspectiva de educação como instrumento de transformação so-

cial, mesmo com relativo rigor teórico, haja vista minhas limitações, em termos de uma práxis progressista, esteada na formação técnica, pedagógica, humana, política e engajamento no coletivo.

Além de professores, reconheço em Dona Élide Schirmer, querida bibliotecária, uma presença competente como incentivadora da leitura, além de excelente orientadora por ocasião de pesquisas, formatação de Referências, digo Bibliografia, termo empregado à época.

Um fato interessante se deu quando nossa turma homenageou o Professor Moacir Teixeira Aguiar, que emocionou a todos nós com seu contentamento pela escolha de seu nome. Em vez de autoridades, consideramos que mais valia reconhecer a dedicação e o compromisso com a universidade pública que aquele mestre nos ensinava com seu testemunho de vida.

Localizo, portanto, o Curso de Pedagogia da FAGED/UFC como um referencial importante da minha esperançosa busca crítica pela (re)afirmação da escola pública. Tanto é que muito me alegrei ao ouvir de um membro da minha banca de Mestrado em Educação Brasileira, cursado também na FAGED/UFC, a seguinte frase: "Sua dissertação tem as qualidades e os defeitos da Faculdade de Educação". Penso que eu não poderia receber maior elogio, uma vez que reconheço o trabalho intelectual como elemento constituinte da profissionalidade docente, entendida como jeito de ser e de estar na profissão (FARIAS *at alii*, 2009).

Impactos da formação pedagógico-política para o exercício profissional

A formação em Pedagogia, com habilitação em Supervisão Escolar, me permitiu assumir a docência na escola pública, a coordenação pedagógica de escolas de variados perfis de gestão e com propostas pedagógicas diferenciadas – fundação, escola coopera-

tiva e escola confessional católica- trabalhar na formação de estudantes do curso de Pedagogia e demais licenciaturas da Universidade Estadual do Ceará, onde atuo como coordenadora do Curso e professora de Didática, Prática de Ensino, Gestão Escolar.

Dentre as funções que assumi na escola básica, aquela com a qual mais me realizava era a que desenvolvia junto aos professores. A percepção de um professor de Física sobre esse trabalho é de que nossa atuação assumia feições de referência para a prática pedagógica docente-discente:

Quando falo de referência quero dizer uma pessoa que inspire outras metodologias e/ou aprimoramento das suas. Daí é que você fez a grande diferença... [na] leveza com que conduzia o grupo, o amor pelo que estava fazendo aquilo tudo e como conduzia os conflitos que passávamos. A maneira com que você trabalhava os conteúdos que nos levavam a uma reflexão de nossa prática nos mostrando um outro lado do ensino que eu, em particular não conhecia. Nunca tinha olhado com os olhos (mente) do aluno e sim com os olhos do show (sei que muito bom também um show de aula).

Lembro-me quando você me autorizou a colocar as fórmulas na prova (...) mostrando, assim, para os alunos que a Física era muito mais que memorização de fórmulas¹.

Do ponto de vista epistemológico, avalio que a leitura de minha atuação, feita pelo professor de Física, é decorrente, em larga medida, da contribuição do curso de Pedagogia da FACED/UFC, em termos de uma prática pedagógica docente-discente propositiva da leitura de textos e contextos, tendo como fio condutor a utopia de que a vida venha a ser vivida com base numa ética assentada no bem-comum.

¹ Trecho da entrevista concedida pelo professor Hildegartton, no dia 11 de julho de 2010.

Marcas da presença freireana no campo-tempo de formação

A aproximação com Paulo Freire se deu no Curso de Pedagogia e, em seguida, na Habilitação em Supervisão Escolar, da Universidade Federal do Ceará (1980-1985), com origem em leituras que eram socializadas nas salas de aula por professores que assumiam a influência do Educador pernambucano em suas práticas docentes.

Em março de 1980, Paulo Freire chegava ao Brasil no retorno do exílio de 16 anos, aquecendo a utopia dos movimentos estudantis de construção de outro projeto societário, dos quais participávamos, mesmo que parcialmente, em protestos encaminhados pelo Centro Acadêmico do Curso de Pedagogia, denominado Centro Acadêmico Paulo Freire.

A influência freireana se explicitou em mim, no primeiro momento, por meio da mensagem que redigi para o convite de formatura da turma de 1980. A mensagem, escolhida pelo coletivo de alunos dizia assim:

Num momento em que a educação passa por um processo de transformação e crise, não sejamos nós, educadores, alentadores de uma educação reforçadora de injustiças, mas estejamos conscientes de que poderemos contribuir para uma melhor formação de pessoas que terão, ou não, a chance que tivemos.

A opção por uma educação transformadora, expressa nesse pensamento, foi mobilizadora da busca por uma maior aproximação com os horizontes epistemológicos de Paulo Freire.

Compreendo, como Wright Mills, citado por Beaud e Weber (2007, p.30), que o trabalho intelectual reflete o que somos, de modo que nos fazemos presentes, por inteiro, na menor de nossas criações intelectuais. Nosso passado, portanto, "[...] ressurgue no presente, influenciando-o e circunscreve os limites da experiência por vir". Nesse sentido, acreditamos que, se nossa experiência profissional agrega elementos importantes nos processos de pesquisa, esta,

por sua vez, contribui sobremaneira para o exercício reflexivo da nossa profissão.

Nos estudos realizados no âmbito do Curso de Mestrado em Educação Brasileira (UFC) – “Escola Pública e Vontade Política. Icapuí-CE: uma escola possível para os filhos da classe trabalhadora?” - examinamos a escola pública sob o ângulo da possibilidade de sua existência, de sua construção; uma escola que, existindo para o povo, correspondesse aos seus interesses.

Nos estudos de doutorado (UFPE), analisamos a prática pedagógica docente-discente que tenha como horizonte a humanização dos sujeitos. Arrimada com os pressupostos humanizadores de Paulo Freire, a relação professor/a-conhecimento-estudantes foi investigada com base no Ciclo do Conhecimento proposto pelo autor.

A tessitura da prática educativa desenvolvida na FACED/UFC tem relação com meu gosto pelos estudos, com minha alegria de estar em sala de aula como ensinante-aprendente, com meu desejo de contribuir para que a educação de todas as crianças e jovens e adultos do meu País e, principalmente, pelo interesse que desenvolvi pela pedagogia paulofreireana.

Trata-se, portanto, de uma elaboração histórica que reverberou na minha formação pessoal e acadêmica, no meu exercício profissional e na produção do conhecimento que venho buscando, percorrendo de uma inconclusa e, ao mesmo tempo, integral humanidade.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel G. **A reconfiguração da escola: entre a negação e a afirmação de direitos**. Campinas, SP: Papiрус, 2009. (Coleção Papiрус Educação)

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de; SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência:** aprendendo a profissão. 3. ed.. Brasília: Liber Livro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Introdução

Em janeiro de 1983 iniciava uma nova trajetória em minha vida. No ano anterior, terminava o estudo no ensino médio e me candidatava ao vestibular para ingressar na Licenciatura em Pedagogia. Dizia para familiares e amigos que iria cursar Pedagogia, na Universidade Federal do Ceará - UFC, e este foi o meu maior objetivo e a minha realização. Começo aqui a lembrar um pouco desta caminhada:

Gallego (2010, p. 30) me ajuda a apreender a concepção metodológica de uma escrita desta natureza. Refiro-me aos estudos (auto)biográficos que me permitem escrever sobre os tempos de formação de professora, quando:

[...] Anos, datas, fatos históricos mais gerais ou locais, acontecimentos diversos (chuva, festas, encontros, desencontros, entre outros), precisão ou imprecisão estão presentes quando se busca construir um texto memorialístico e ajudam a estruturar o fluxo das lembranças e dos tempos vividos assim como a modo pelo qual os sujeitos os exteriorizam e os ordenam, seja pela escrita, seja pela oralidade, guardadas as devidas especificidades de um e de outro. Rememoração baseada